PADRE JUAN CARLOS CERIANI: A MODO DE REPARAÇÃO…

Publicado na terça-feira, 4 de novembro de 2025 por P.VerboVen

MARIA, CORREDENTORA

Os conciliares negam, mais uma vez, a Corredenção Mariana.

Como forma de reparação, publicamos este texto, datado de julho de 2021.

A cooperação da Bem-Aventurada Virgem na obra da Redenção é verdadeiramente admirável e misteriosa. É a união da Mãe de Deus com seu divino Filho, e sempre sob sua dependência, na missão de reintegrar a humanidade na ordem sobrenatural.

Consideremos a cooperação de Maria com Cristo na obra da redenção em geral e sua cooperação na redenção *objetiva*.

+++

De modo geral, deve-se afirmar que a Bem-Aventurada Virgem Maria é a consorte de Cristo na obra da redenção humana. Esta verdade mariana, depois da sua Maternidade Divina, é a mais fundamental, e tão certa que pertence ao depósito da Revelação.

Os Pontífices Romanos ensinaram esta doutrina:

Leão XIII ensina: “Imune do pecado original, escolhida para ser a Mãe de Deus e, por essa mesma razão, feita consorte de Cristo para salvar a humanidade, ela possui tal graça e poder com seu Filho que nenhuma criatura, entre anjos ou homens, jamais poderia alcançar maior.”

“Para reconciliar a humanidade com Deus, ninguém jamais realizou, nem jamais realizará, uma obra como a que ela realizou.”

Estas são as palavras de **São Pio X**: “Pois Maria supera a todos em santidade em virtude de sua união com Cristo e por ter sido admitida à obra da redenção humana.”

E **Pio XI** expressa isso desta maneira: “A Virgem soberana, concebida sem pecado original, foi escolhida Mãe de Cristo precisamente para ser sua parceira na redenção humana”.

A **Sagrada Escritura** também apoia este ensinamento; em **Gênesis 3:15,** lemos: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a dela; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”.

Aqui, Maria é associada a Cristo nas inimizades e batalhas que deve travar contra o demônio, e no triunfo final que deve obter sobre o inimigo infernal.

Ora, triunfar sobre o demônio nesta providência presente nada mais é do que realizar a redenção humana, ou, em outras palavras, libertar a humanidade do pecado, pelo qual se tornou escrava do demônio, e restaurá-la ao estado original de amizade com Deus.

O Papa **Pio IX** explica a associação de Maria com Cristo na redenção, segundo o versículo do Gênesis mencionado anteriormente, da seguinte maneira: "A Virgem Santíssima, unida a Cristo num vínculo indissolúvel, mantendo com Ele e por meio d'Ele inimizade perpétua contra a serpente venenosa e triunfando completamente sobre ela, esmagou-lhe a cabeça com o seu pé imaculado."

Se a inimizade de Cristo e Maria contra o demônio é a mesma, e portanto a mesma luta da qual ambos deveriam alcançar o mesmo triunfo, fica claro que Maria é apresentada ali como consorte de Cristo e singularmente unida a Ele tanto na luta quanto na vitória sobre o inimigo.

Portanto, se a vitória de Cristo consistiu na redenção da humanidade e na restauração da obra de Deus destruída pelo pecado, Maria teve que cooperar com seu Filho na realização dessa empreitada.

Os **Padres da Igreja** frequentemente comparam a Virgem Maria a Eva, de modo que o papel e a participação que Eva desempenhou ao lado de Adão na queda da humanidade são atribuídos a Maria, ao lado de Cristo, na obra da Redenção.

Assim como Eva foi parceira e colaboradora de Adão em nossa queda, Maria é parceira e colaboradora de Cristo na obra da redenção humana.

A liturgia também dá voz à Virgem Maria, Mãe de Deus, na obra da Redenção.

Assim, nos calendários gregos lemos: "Fomos redimidos por Vós da maldição que recaiu sobre nossos primeiros pais". E no **Missal Ambrosiano**: "O que Eva destruiu com seu pecado, Maria restaurou na redenção".

Sua parceria, em sentido estrito, começou desde o momento da Encarnação, pois a Virgem Santíssima, desde o momento em que pronunciou seu *Fiat*, dirigiu todas as suas intenções para o fim da Redenção, em plena consonância com a vontade do Pai, que dá o seu Filho, e com a do Filho, que se oferece pela salvação da humanidade.

Embora, formalmente, a Maternidade divina e a cooperação na redenção sejam distintas, existe, contudo, uma relação tão íntima e até mesmo necessária entre elas que a parceria pressupõe e se fundamenta na maternidade, e a maternidade está ordenada à parceria.

Por isso, **Pio XI** afirma: "A augusta Virgem, concebida sem pecado original, foi escolhida Mãe de Cristo precisamente para ser sua parceira na redenção humana".

Nenhuma outra criatura poderia ter sido escolhida mais adequada para isso. Parceria redentora com a Mãe do próprio Redentor; ninguém mais, precisamente por ser Sua Mãe, poderia ter tamanha intimidade na terra com seu Filho Redentor, nem estar tão intimamente unida a Ele em suas perseguições, trabalhos, angústias e, sobretudo, em sua paixão e morte, de tal forma que somente ela, *dolorosa*, pudesse unir-se ao Cristo *sofredor*, pois só a mãe daquele que sofre se entristece; outras mulheres são apenas movidas à misericórdia.

+++

Aprofundando-nos, devemos considerar a cooperação da Bem-Aventurada Virgem Maria na redenção objetiva, isto é, em toda a obra redentora de Cristo na terra, pela qual Ele quis restaurar e elevar a raça humana, caída pelo pecado de nossos primeiros pais.

A redenção *objetiva* é a causa universal da salvação humana. A redenção *subjetiva* nada mais é do que a aplicação dessa redenção a cada indivíduo, para que este possa participar de seus efeitos.

Por essa razão, a redenção objetiva é frequentemente chamada de *obra da salvação*, e a redenção subjetiva, de *operação salvífica*; a primeira é como a fonte da qual brotam os bens da redenção, os tesouros da graça; a segunda, como o palco onde esses bens são distribuídos a cada um dos redimidos.

É evidente que a necessidade *absoluta* da cooperação mariana na redenção está excluída, visto que o Senhor foi capaz de restaurar a humanidade e reintegrá-la à sua amizade sem a intervenção da Virgem. Portanto, a questão da cooperação de Maria deve sempre ser considerada pressupondo o livre decreto de Deus, pelo qual Ele quis que a Virgem participasse e cooperasse na Redenção.

Essa cooperação é dupla:

Uma é *remota*, pela qual Nossa Senhora deu a Cristo, não apenas fisicamente, mas também inteiramente de forma voluntária, a sua carne, para que Ele pudesse pagar nela o preço da nossa redenção.

A outra é *próxima*, isto é, cooperando imediatamente, por meio de ações pessoais, na referida redenção, consumada na paixão e morte de Cristo.

Maria é a Mãe do Redentor e, portanto, cooperou remotamente na Redenção, na medida em que foi verdadeiramente ela quem deu ao mundo o seu Redentor. **Santo Agostinho** ensina: “Morte pela mulher e vida pela mulher: destruição por Eva, salvação por Maria. A primeira, corrompida, seguiu o sedutor; a segunda, totalmente pura, dá à luz o Salvador do mundo. A primeira bebeu voluntariamente a poção venenosa da serpente e a ofereceu ao

marido, e assim ambos mereceram a morte; a segunda, pela graça infundida do céu, deu à luz a vida, por meio da qual a carne morta pôde ressuscitar."

A Bem-Aventurada Virgem Maria, ao dar à luz Cristo por nós, providenciou o meio pelo qual o preço da nossa redenção seria pago, ou seja, a carne na qual Cristo pôde sofrer e morrer. Por isso, **São Tomás de Villanova** disse: "Cristo pagou o preço da redenção, mas Maria deu-Lhe os meios para pagá-lo. Ele é o Redentor, mas de Maria recebeu o que tinha de dar para nos redimir."

Nossa redenção vem da Mãe tanto quanto do Pai; da Mãe Ele teve o poder de merecer, e do Pai Ele recebeu a infinitude que esses méritos deveriam ter. O Filho de Deus não poderia merecer nada por nós se não fosse homem; nem o Filho de Maria poderia merecer algo por nós se não fosse Deus.

E observemos a diferença: o Pai não deu ao Filho a divindade para nos redimir; Maria, por outro lado, deu ao Filho do Pai a humanidade precisamente para ser o Redentor de todos nós. Contudo, assim como o Pai deu o Filho para a redenção, porque amou tanto a humanidade que lhe deu o Seu Filho unigênito, também a Mãe O deu para esse mesmo propósito.

+++

Portanto, deve-se afirmar que a Bem-Aventurada Virgem Maria, com seu livre consentimento na Encarnação, também cooperou livremente na Redenção, não apenas implicitamente, mas explícita e formalmente.

Os **Padres da Igreja** dos primeiros séculos, como **São Justino Mártir, Santo Irineu e muitos outros**, frequentemente iniciam e repetem a comparação de Maria com Eva e falam explicitamente da cooperação moral de Maria na obra da Redenção, precisamente por causa do livre consentimento que ela deu ao Anjo quando este lhe anunciou o grande mistério da Encarnação.

É comum ver o princípio da reciprocidade estabelecido nos **Padres da Igreja,** segundo o qual Deus agiu na redenção de tal forma que tudo o que o demônio planejou para a ruína da humanidade seria revertido contra o próprio espírito do mal.

Assim, a primeira mulher acredita no demônio, consente livremente às suas sugestões perversas, desobedece a Deus e, com isso, infelizmente coopera na ruína de toda a humanidade; a segunda mulher, Maria, obedece a Deus; com fé viva e completa liberdade, ela dá o seu consentimento à Encarnação que haveria de ocorrer dentro dela e, assim, coopera na restauração e salvação de toda a humanidade.

Deixando de lado o conhecido paralelo entre Maria e Eva, encontramos em muitos outros Padres a clara afirmação do consentimento da Virgem Santíssima à obra da redenção.

São Bernardo, por exemplo, diz: "Ouvistes que concebereis e dareis à luz um Filho; ouvistes que isso não será por obra do homem, mas pelo Espírito Santo. O anjo aguarda a tua resposta… Nós também, ó Senhora, sobre quem paira a sentença de uma condenação miserável, aguardamos a tua palavra de misericórdia; imediatamente seremos livres se consentires. Pela palavra eterna de Deus fomos todos criados, e eis que estamos morrendo; nossa redenção depende da breve resposta dos teus lábios, para que por ela possamos ser restaurados à vida."

A Virgem Santíssima Maria, consentindo livremente à Encarnação, dirigiu seu consentimento à Redenção, não apenas implicitamente, mas também explícita e formalmente, visto que via a Encarnação como redentora da humanidade.

É claramente injusto negar a Maria o conhecimento das profecias concernentes ao futuro Messias e às qualidades do seu reino, visto que os anciãos Ana e Simeão, que aguardavam a redenção de Israel, também as conheciam; tampouco se pode afirmar que Maria tenha acolhido em seu coração e mente as opiniões errôneas do povo comum a respeito do futuro Messias, ou aceitado as ideias messiânicas totalmente falsas dos fariseus.

Portanto, a Bem-Aventurada Virgem Maria não estava distante da vontade divina quando disse: *"Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra*". Essas palavras referem-se não apenas à Encarnação, mas também à perfeita Redenção. E assim, segundo a palavra do Pai Eterno, Maria quis a Paixão de Seu Filho.

+++

Além disso, com sua compaixão materna, a Bem-Aventurada Virgem Maria cooperou de forma estreita e direta na redenção da humanidade.

Pio VII declara assim esta doutrina: "Todos os fiéis cristãos são obrigados para com a Bem-Aventurada Virgem, como a dulcíssima Mãe do Filho de Deus, a venerar, em constante meditação e com benevolência filial, a memória das mais amargas dores que, especialmente aos pés da cruz, ela sofreu com singular força e invencível constância, oferecendo-as ao Pai Eterno pela sua salvação; e devem tomar como verdadeiro preceito o que Tobias ordena a seu filho a respeito de sua mãe: *Lembra-te dos muitos e gravíssimos perigos que ela sofreu por ti."*

Leão XIII: "Ao apresentar-se a Deus como serva no ofício de Sua Mãe e consagrar-se inteiramente a Ele no templo com seu Filho, ela tornou-se Sua companheira na dolorosa expiação dos pecados do mundo, e não se pode, portanto, duvidar que, com espírito corajoso, participou das mais amargas angústias e dores de seu divino Filho. Sua Mãe permaneceu junto à cruz de Jesus, e tão grande foi a caridade de seu coração por nós, ao nos receber como seus filhos, que ofereceu voluntariamente seu próprio Filho à justiça de Deus, morrendo espiritualmente com Ele, transpassada pela espada da dor."

São Pio X escreve: "Por esta comunhão de dores e vontades entre Cristo e Maria, ela mereceu ser a redentora mais digna do mundo inteiro."

Pio XI: "Aquele a quem a Bem-Aventurada Virgem está presente com sua ajuda, especialmente nos últimos momentos de sua vida, não sofrerá a morte eterna." E este sentimento dos Doutores da Igreja, tão em sintonia com o sentimento do povo cristão e com os ensinamentos da experiência, assenta principalmente na crença de que a Virgem, através das suas dores, participou com Cristo na redenção do mundo.

E do **Papa Pio XI** vem esta fervorosa oração à Santíssima Virgem: "Ó Mãe de piedade e misericórdia, que estivestes junto do vosso dulcíssimo Filho como corredentora compassiva quando, no altar da cruz, Ele consumou a redenção do mundo, nós vos suplicamos que conserveis e multipliqueis em nós, a cada dia, os preciosos frutos da redenção e da vossa compaixão!"

Portanto, devemos dizer que Maria, Corredentora, companheira de Cristo na Redenção, teve de participar na paixão e morte redentora do seu Filho, pois com Ele, paciente e moribunda, sofreu e quase morreu.

Como afirma **São João Crisóstomo**: “Cristo derrotou e venceu completamente o diabo com os mesmos meios e as mesmas armas que usou para vencê-lo primeiro. E como? Ouçam. Uma virgem, uma cruz e a morte eram os símbolos da nossa derrota. A virgem era Eva; a cruz, a árvore do conhecimento; a morte, o castigo de… Adão. Mas ouçam novamente: uma Virgem, uma árvore e a morte também são símbolos de vitória. No lugar de Eva está Maria; no lugar da árvore do conhecimento do bem e do mal, a madeira da cruz; e no lugar da morte de Adão, a morte de Cristo. Percebem agora como o diabo foi derrotado por aquilo que ele havia conquistado anteriormente?”

É verdade que Cristo não precisou de ajuda alguma e, de fato, Ele sozinho redimiu plenamente a humanidade; contudo, por desígnio divino, a Virgem Santíssima foi dada a Ele como cooperadora — não necessária, mas apropriada — de modo que certamente participou com Cristo na redenção humana.

Santo Alberto Magno explica claramente a compaixão de Maria e seu papel na redenção humana. Eis suas palavras: “A Mãe sofreu em sua alma a paixão que o Filho sofreu em seu corpo, pois seu amor materno foi atormentado juntamente com os tormentos corporais de seu Filho. No momento da Paixão, quando a Mãe da Misericórdia se apresentou ao Pai das Misericórdias para a obra da mais alta misericórdia, ela carregou em si a dor da Paixão, pois a espada transpassou sua alma, e ela se tornou companheira na Paixão, cooperadora na redenção e Mãe da regeneração.”

Dionísio, o Cartuxo, escreve: “Vós, Senhor de toda a criação, ordenais e organizais sabiamente todas as coisas. Por que então, ó bom Jesus, ó Cordeiro tão mansíssimo, não poupastes vossa Mãe tão amantíssima e dulcíssima, ordenando que ela não estivesse presente e atenta à vossa sagrada Paixão? Mas eu sei; nada acontece fora da vossa divina providência; nada permitistes sem motivo suficiente e, portanto, somente um motivo profundamente sublime e admirável poderia ter-vos compelido a ordenar a presença e a união de vossa Mãe tão amantíssima em vossa Paixão e Morte. Vós quisestes que ela fosse cooperadora na

salvação universal, constituístes-lhe protetora e advogada da Igreja e determinastes que por meio dela muitos seriam salvos.”

+++

A Bem-Aventurada Virgem Maria, consorte de Cristo, participou desde o princípio da Redenção da humanidade. Mas, como a Redenção culminaria na paixão e morte do Senhor, era mais do que apropriado que Maria, indissociavelmente ligada a Cristo, participasse da Redenção, tanto em seu início quanto, especialmente, em sua consumação e coroação.

A mera presença passiva no cruel espetáculo da cruz, onde seu Filho sofreu uma morte ignominiosa e cruel, mesmo considerando a caridade heroica e a sublime fortaleza da Mãe, o valor de seu exemplo e outras razões místicas que possam surgir de tal evento, não explica plenamente a presença de Maria aos pés da cruz, se excluirmos sua cooperação ativa na obra de reparação que ali se realizava.

E não se pode dizer, como afirmam os ímpios conciliares, que essa cooperação mariana na redenção objetiva diminui ou de alguma forma se opõe à sua perfeição, eficácia ou universalidade, que, na realidade, pertencem somente a Cristo. Pois não se afirma aqui que a cooperação da Virgem Mãe seja paralela e perfeitamente coordenada, mas sim essencialmente subordinada à obra redentora de Cristo, sobre a qual se apoia, da qual depende e da qual deriva todo o seu valor; visto que sabemos pela revelação que Cristo, nosso Senhor, é o único Redentor da humanidade.

Mas, embora Cristo seja o nosso Redentor total e perfeito, não há impedimento para afirmar que a Virgem Santíssima cooperou na redenção da humanidade em menor grau, subordinada a Cristo e dependente de Seus méritos.

A universalidade da Redenção de Cristo também não é restringida pela afirmação de que, ao cooperar nela, a Virgem não poderia ser redimida; pois, mesmo como Corredentora, ela não só foi redimida, mas a primeira de todos os redimidos, como afirma **Santo Ambrósio**: "Tendo que redimir o mundo, o Senhor começou Sua obra por meio de Maria, para que ela fosse a primeira a receber a salvação do Filho, visto que por meio dela a redenção de todos estava preparada".

Além disso, a cooperação de Maria na redenção não foi em vão, nem lhe faltou verdadeira eficácia.

É verdade que Cristo consumou a Redenção perfeitamente, sem qualquer defeito ou imperfeição, e, portanto, a cooperação mariana nada poderia acrescentar à perfeição intrínseca da obra, nem poderia completá-la, como se Cristo tivesse deixado algo por fazer. Contudo, muitos afirmam a utilidade da cooperação de Maria, na medida em que acrescenta uma perfeição acidental à obra de Cristo, conferindo-lhe certa harmonia e beleza.

Embora Cristo não precisasse de qualquer cooperação para redimir a humanidade, era, no entanto, apropriado que a humanidade, segundo a terna providência de Deus, não fosse redimida sem a sua própria cooperação nesta obra de reconciliação, sem a ratificação mútua de tão sublime aliança e sem a aceitação de tão elevada bênção.

Assim, Deus quis unir Cristo, Redentor de toda a humanidade, à Santíssima Virgem, como Sua companheira e representante de toda a humanidade, em cujo nome ela consentiu na Encarnação do Redentor e, agindo em Seu lugar, como a verdadeira representante da humanidade, uniu-se à paixão e morte do Senhor aos pés da Cruz, onde se consumou a Redenção, não mais assistindo passivamente, mas cooperando ativamente com sua compaixão materna e inefável participação nos sofrimentos de seu Filho.

+++

À luz desta bela e consoladora doutrina, enfatizamos mais uma vez a importância de destacar que Maria Santíssima reina soberana sobre todos os tempos da nossa história, e particularmente sobre o período mais temível para as almas: o tempo da vinda do Anticristo…

Estes são os tempos da vitória, da redenção plena de Jesus Cristo e da intercessão soberana de Maria!

Bem-aventurados os que compartilham e professam esta Fé; Bem-aventurados aqueles que estudam as Sagradas Escrituras (como nos foi ordenado, em vez de perder tempo lutando contra o que já não há tempo para combater), e assim sabem, mesmo no crepúsculo da fé, que o fim é belo. Bem-aventurados são aqueles que têm fé, pois os mesmos acontecimentos serão insuportáveis para os incrédulos.

Compreender a missão de Nossa Senhora ilumina e fortalece para seguir o caminho traçado por Deus, preparando as almas para receber os méritos obtidos por meio dela e alcançar sua ajuda e proteção.